

Roteiro serológico nacional para a covid-19 proposto por 20 cientistas portugueses

O estudo pretende começar com cinco mil pessoas testadas a anticorpos contra o vírus da covid-19 e, numa última fase, chegar às 25 mil a 30 mil. Agora procuram-se parceiros públicos, para se avançar já em Julho

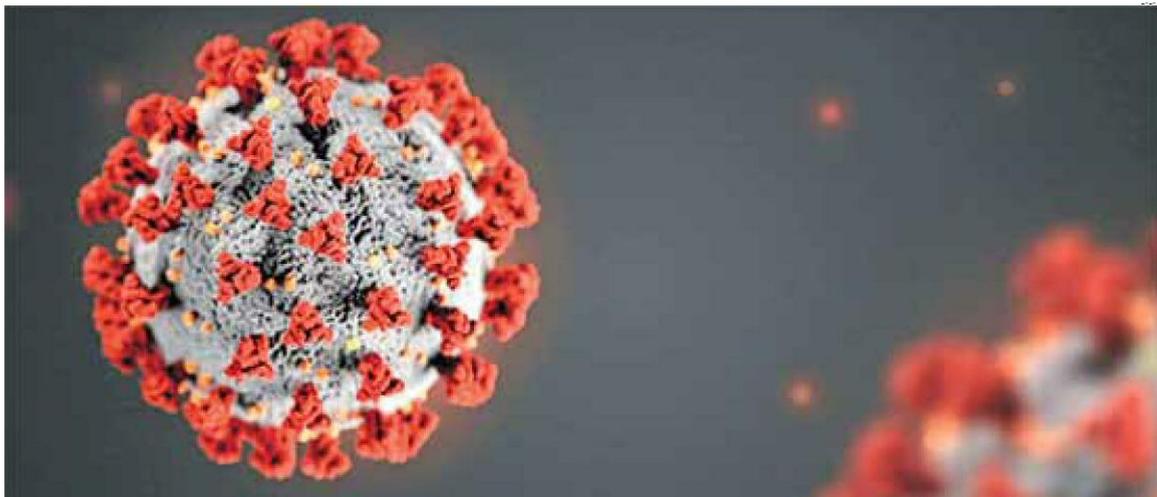


Ilustração do coronavírus SARS-CoV-2, o agente infeccioso da covid-19

Teresa Firmino

A pensar na gestão do desconfinamento em curso e no embate de uma potencial segunda vaga da pandemia de covid-19, um grupo de 20 cientistas portugueses projectou um roteiro serológico nacional para obter uma fotografia global da prevalência da doença em Portugal. Quem é que já esteve em contacto com o vírus SARS-CoV-2 e não fazia ideia? Quem, ao longo desse estudo serológico, veio a contactar com o vírus e, das duas uma, ou não teve qualquer sintoma ou ficou doente? Testes aos anticorpos contra o vírus produzidos pelo sistema imunitário, realizados num estudo de cariz nacional proposto no roteiro, ajudarão a esclarecer tudo isso e a afinar a resposta futura do país à pandemia.

“Esta ideia surgiu quando se começou a perceber que, quando a primeira onda da epidemia passasse, íamos precisar de saber como é que o país tinha sido atingido”, conta Carlos Penha Gonçalves, coordenador do grupo de 20 especialistas e investigador do Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC), em Oeiras. “A maneira mais

corrente de fazer isso é com um estudo de seroprevalência – ou seja, perceber a proporção de pessoas que ficou com anticorpos [para o SARS-CoV-2], o que é um indicador de que tiveram contacto com o vírus. Isso dá uma ideia da extensão da primeira onda: apanha não só as pessoas doentes, como as assintomáticas que tiveram contacto com o vírus, mas não tiveram a doença”, acrescenta o imunologista. “Queremos ter uma ideia do que aconteceu no país todo.”

Têm sido aplicados vários tipos de testes serológicos por várias entidades, por exemplo ao nível de autarquias ou de grupos profissionais. Ainda que possam ser importantes, esses estudos centram-se apenas em certas fracções da população. “Estão a multiplicar-se estudos parcelares que podem levar a erros grosseiros de estimativa da prevalência. Ainda que tenham validade parcelar, estes estudos são intuitivamente extrapolados para o país, podendo gerar percepções de risco exageradas ou indesejáveis sensações de falsa segurança – e até originar decisões erradas por parte das autoridades públicas”, diz o documento do roteiro nacional.

Metodologia estatística

Os 20 especialistas procuraram assim traçar um plano definindo uma metodologia estatística que permitisse inferir qual a proporção da população portuguesa atingida realmente pelo vírus, à semelhança do que já está a fazer-se em Espanha, Suíça e Alemanha. “Percebemos qual seria a melhor metodologia que nos permite, com um grau de confiança grande, fazer uma inferência nacional e regional do grau de penetração da doença no país na primeira onda”, explica Carlos Penha Gonçalves.

Por isso, neste grupo participa o Instituto Nacional de Estatística. A escolha das amostras da população a ser testada obedecerá assim a critérios estatísticos rigorosos. “É impossível analisar todas as pessoas. A amostra vai ser probabilística: todos têm a mesma probabilidade de pertencer a esta amostra. Não é uma amostra por conveniência, por exemplo [escolhida] à porta de um supermercado”, nota o investigador.

No grupo de especialistas encontram-se nomes como o de André Peralta Santos (Escola Nacional de Saúde Pública da Universidade Nova



de Lisboa, ou UNL), António Vaz Carneiro (Instituto de Saúde Baseada na Evidência da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa), Gabriela Gomes (agora da Universidade do Porto e da Universidade de Strathclyde, Reino Unido), Joana Gonçalves de Sá (Faculdade de Economia da UNL), Jorge Carneiro, (IGC), Pedro Magalhães (Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa), Pedro Pita Barros (Faculdade de Economia da UNL) e Ricardo Águas (Universidade de Oxford, Reino Unido).

Em três fases

O roteiro serológico proposto passa por duas vertentes, uma nacional e outra regional, e terá três fases. Iniciar-se-á com uma primeira fotografia do impacto da doença numa população-sentinela de cinco mil pessoas, seleccionadas de forma aleatória mas representativa da população portuguesa. Estas cinco mil pessoas serão testadas para se detectar anticorpos do SARS-CoV-2 no sangue e responderão a um questionário sobre se sentiram sintomas da covid-19.

Um aspecto importante é que as cinco mil pessoas serão seguidas ao longo do tempo, na segunda fase do estudo: pretende-se assim fazer três testes serológicos nos próximos nove meses. “A ideia é começar em Julho, o mais tardar”, diz o imunologista. “Isso dará uma ideia de como a pandemia está a evoluir e permitirá perspectivar medidas de médio e longo prazo de desconfinamento e reactivação da economia. Pode guiar o Governo sobre o que se pode esperar em ondas subsequentes.”

Pelo mundo, os cientistas estão à espera de uma segunda onda da pan-

demia, só não sabem exactamente quando surgirá nem a sua dimensão. Ora é crucial ter estimativas o mais aproximadas da realidade sobre a prevalência da infecção na primeira onda, a nível nacional e regional, para incorporar essa informação em modelos matemáticos e epidemiológicos que ajudem a prever com maior precisão o que aí virá.

Na terceira fase do roteiro pretende-se ampliar o estudo serológico para incluir 25 mil a 30 mil pessoas, aqui na perspectiva regional. Nesta fase ter-se-á uma fotografia mais minuciosa da pandemia, dessa vez num único teste a cada pessoa. “Esta parte já permitirá perceber quais foram os grupos mais afectados, as faixas etárias e as regiões mais afectadas e, dentro de cada região, onde estiveram os principais focos.”

O grupo de cientistas quer que o projecto saia depressa do papel. Para tal Carlos Penha Gonçalves diz que estão em curso conversações (iniciais) com entidades públicas, bem como outros parceiros. “É um projecto aberto. A ideia preferencial é que haja entidades públicas que queiram assumir a parte activa neste processo.”

O teste serológico a aplicar foi criado por cinco institutos da área de Lisboa, que se juntaram no consórcio Serology4Covid, coordenado pelo IGC. “O estudo nacional proposto, que supera outros rastreios em curso, será decisivo para que Portugal seja apontado como um exemplo de rigor na adopção de medidas de vigilância epidemiológica focadas em proteger a população”, frisa o documento.

teresa.firmino@publico.pt